

## LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto (UnB)

**R e s u m o :** O objetivo principal deste artigo é apresentar a versão brasileira da ecolinguística, chamada linguística ecossistêmica (LE). O nome se deve ao fato de ela partir do conceito central da ecologia, o ecossistema, para erigir seu arcabouço epistemológico. O conceito central do ecossistema é o de interações, motivo pelo qual o núcleo da LE é a ecologia da interação comunicativa (diálogo). Esta, por sua vez, se dá no interior de um ecossistema linguístico, como comunidade de fala que se encontra no interior de uma comunidade de língua. O artigo mostra que a LE não usa conceitos da ecologia como metáforas. Pelo contrário, ela é ecologia linguística, não linguística ecológica. Seus praticantes são ecólogos que estudam fenômenos da linguagem, não linguistas que estudam esses fenômenos linguísticos auxiliados pela ecologia. A LE vê seu objeto holisticamente. Ela parte da visão ecológica de mundo, a partir da qual se pode estudar todo e qualquer fenômeno da linguagem, tanto da exterioridade (exoecologia linguística) quanto da interioridade (endoecologia linguística). Na primeira está incluída a análise do discurso ecológica.

**P a l a v r a s - c h a v e :** Língua; Ecologia; Linguística Ecossistêmica; Ecologia da interação comunicativa.

**A b s t r a c t :** The main objective of this article is to present the Brazilian version of ecolinguistics, called ecosystemic linguistics (EL). Its name is due to the fact that it departs from the central concept of ecology, ecosystem, in order to build its epistemological foundations. The central concept of the ecosystem is interaction. For this reason, the kern of EL is the ecology of communicative interaction (dialogue). This, on its part takes place inside a linguistic ecosystem, as a speech community which generally belongs to a larger language community. The article also shows that EL does not use ecological concepts as mere metaphors. On the contrary, it is linguistic ecology, not ecological linguistics. Its practitioners are ecologists studying linguistic phenomena, not linguists dealing with language phenomena using ecological concepts as metaphors. EL sees its object holistically. It departs from the ecological view of the world, from which one can study both external (linguistic exoecology) and internal language phenomena (linguistic endoecology). The former includes ecological discourse analysis.

**K e y w o r d s :** Language; Ecology; Ecosystemic linguistics; Ecology of communicative interaction.

### 0. Introdução

De acordo com uma concepção que recua a Haugen (1972), **ecolinguística** é o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Essa definição suscita pelo menos três questões, que são 1) o que é língua, 2) o que é meio ambiente da língua, 3) de que natureza são as relações entre língua e meio ambiente. Poderíamos perguntar ainda 4) se se trata de ‘meio ambiente’ da língua

(posição de Haugen) ou do ambientalismo. Cada uma dessas questões pode ser objeto de um tratado inteiro. A despeito de Haugen ser considerado o pai da disciplina, sua definição apresenta alguns senões. Primeiro, porque ele reconhece apenas o meio ambiente social da língua, sendo que há pelo menos quatro, como veremos ao longo da discussão. Segundo, sua concepção de língua reifica-a, considerando-a uma coisa que se relaciona com o respectivo meio ambiente. Terceiro, como quase todos os ecolinguistas europeus, ele usa conceitos ecológicos como metáforas, que transporta para os estudos da linguagem. Veremos que a língua é interação, e essa interação se dá no seio do ecossistema linguístico.

Com isso, entramos no âmago da questão que interessa neste artigo, a vertente da ecolinguística chamada de **linguística ecossistêmica**. Veremos que, como ela é parte da ecologia geral ou macroecologia, seu praticante não traslada metaforicamente conceitos da ecologia biológica para os estudos linguísticos. O que ele faz é ecologia, diretamente, ele é um ecólogo que faz **ecologia linguística**, outro nome para ecolinguística, aliás, como já sugere o título de Haugen (1972). Assim como na ecologia biológica o conceito central da linguística ecossistêmica é o de ecossistema, o ecossistema linguístico.

A visão ecológica representa uma virada nos estudos da linguagem, que se põe em sintonia com os achados da teoria da relatividade e da mecânica quântica, surgidas a partir da década de vinte do século passado. Como Frifjof Capra tem tentado mostrar, isso se insere no novo paradigma ecológico para as ciências (cf. Capra, 1998). Por incrível que pareça, um dos modelos teóricos da linguística mais proeminentes e que está na berlinda há quase sessenta anos, a gramática gerativa, fica no nível da mecânica clássica de Newton e, explicitamente, da filosofia racionalista de Descartes. Não assimilou nada da nova maneira de ver o mundo introduzida por essas ciências. A linguística ecossistêmica está sincronizada não só com elas, mas com avanços posteriores, como teoria dos sistemas complexos, teoria do caos, os fractais etc.

### 1 Ecologia e ecossistema

O objeto do presente capítulo é a variante da ecolinguística conhecida como linguística ecossistêmica, palavra cujo prefixo (eco-) aponta para o fato de se tratar de uma disciplina que tem a ver com o ramo da biologia chamado de ecologia. **Ecologia** tem sido definida como sendo o estudo científico das interações entre os organismos de determinada área e seu meio ambiente, bem como as interações entre organismos. Odum (1971: 3), acrescenta que há uma ênfase na concepção dessa ciência como sendo o estudo da estrutura e função da natureza. Acrescenta que ela poderia igualmente ser chamada de biologia ambiental. Com isso, praticamente já estamos nos aproximando do conceito central da ecologia, o **ecossistema**. Tanto que poderíamos perfeitamente chamá-la ‘ecossistêmica’, em vez de ‘ecologia’. Isso porque a definição de

## ECO-REBEL

ecossistema coincide com a do objeto da ecologia recém-apresentado. Por outro lado, mantendo o termo 'ecologia', poderíamos defini-la como sendo o estudo dos ecossistemas.

O ecossistema é constituído pelas inter-relações, ou interações, entre os organismos de uma determinada área e seu *habitat*, meio, meio ambiente, biótopo, entorno ou território, dependendo do ponto de vista e até das preferências do investigador. Essas interações podem se dar tanto entre os organismos vivos e o seu meio quanto entre quaisquer dois organismos. Mais adiante veremos que distinguir os dois tipos de interação é importante na ecologia linguística. Podemos representar o esquema do ecossistema como se vê na figura 1.

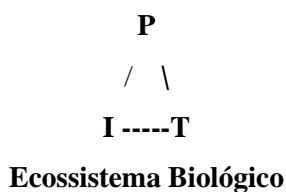


Fig. 1

A figura 1 deve ser lida da seguinte maneira: uma população (P) de organismos vivos, e suas inter-relações, ou interações (I), com seu *habitat* ou território (T). A linha segmentada entre I e T mostra que não há relação, ou interação direta entre I e T, mesmo porque I é interação, uma abstração. Trata-se das interações que se dão entre membros de P, ou entre a e T. O fato de I estar ligado diretamente só a P mostra que ele representa as interações entre P e T, bem como entre membros de P. Um modo de apresentar isso mais explicitamente é mediante a linearização da figura: I—P—T. I só se relaciona com T via P, o que tem consequências importantes para o ecossistema linguístico.

Se ecossistema é o conceito central da ecologia, **interação** é o conceito central do ecossistema. Para o ecólogo, o que interessa no ecossistema não é diretamente a população de organismos, uma vez que eles são objeto da biologia e, talvez, da genética e da anatomia. Tampouco é o *habitat* em si que importa. Na verdade, o foco de atenção são as inter-relações que se dão no interior do ecossistema, tanto as inter-relações, ou interações, que se dão entre organismos e mundo quanto as que se dão entre os indivíduos que compõem a população. Veremos que, nos estudos linguísticos, as interações organismo-território equivalem à **referência** enquanto que as interações organismo-organismo correspondem à **comunicação**. Já foi dito que a ecologia está em sintonia com as descobertas da ciência moderna, como a teoria da relatividade e a mecânica quântica, de acordo com as quais o mundo como um todo é uma imensa teia de inter-relações. Daí haver afinidades com vertentes mais atuais dessas disciplinas, tais como a teoria dos sistemas, os sistemas complexos, as estruturas dissipativas de Prigogine e, às vezes, até mesmo com os fractais (como na iteração que se vê na construção de frases). Enfim, a questão da

## ECO-REBEL

interação estará presente na definição de todas as demais características do ecossistema que serão discutidas logo em seguida.

No caso da língua, a visão ecossistêmica nos mostra que ela é basicamente interação. As interações que a compõem se dão no interior do ecossistema linguístico, sendo que cada parte pode ser encarada como um ecossistema por si. Ora, se é 'ecossistema', é sistema, logo, está de certa forma estruturado. A diferença em relação à visão clássica é que se trata de uma estrutura dinâmica e aberta, uma 'estrutura dissipativa'. Vejamos mais algumas propriedades e/ou características do ecossistema que são relevantes no estudo de fenômenos da linguagem.

Um primeiro traço de importância fundamental para o ecossistema é a **diversidade**, de organismos e de entorno. Quanto mais variedades de espécies houver em seu interior, mais sólido ele será; quanto menos espécies, mais frágil. Por exemplo, um ecossistema como o do bioma amazônico é altamente resistente, uma vez que o desaparecimento de uma espécie poderá ser suprido por uma das milhares de outras que convivem em seu interior. Um ecossistema que conste de apenas três ou duas espécies (por exemplo, apenas com uma espécie de planta, uma de herbívoro e uma de carnívoro) fatalmente desaparecerá se uma delas desaparecer. Desaparecendo os carnívoros, os herbívoros se proliferarão ao ponto de devorarem toda a erva existente, com o que também eles desaparecerão. Desaparecendo os herbívoros, não haverá alimento para os carnívoros, com o que se extinguirão. Se toda planta morrer, todos morrerão juntos com ela. Isso vale não só na natureza, mas também na cultura, aí inclusa a linguagem. Por exemplo, se a Índia tivesse uma única língua, como o hindí, seria muito mais pobre culturalmente do que é com suas mais de 16 línguas oficiais e muitas outras menores.

A **reciclagem** dos próprios recursos é uma propriedade de vital importância para os ecossistemas biológicos. Como acabamos de ver, o herbívoro come a planta e é comido pelo carnívoro. Ambos morrem e a matéria de seus corpos é transformada em nutrientes para as plantas de novo pelos decompositores. Assim sendo, os nutrientes e outros elementos são reaproveitados ao longo de toda a cadeia, embora a energia se dissipe em cada estágio. Esse aproveitamento da matéria é cíclico. Na língua, onde se pode ver a reciclagem de recursos mais claramente é na endoecologia. Por exemplo, "elementos" como 'fonemas' são reciclados a todo instante para formar novas sílabas. O mesmo se dá com os 'morfemas', as 'palavras' etc. Mas, as estratégias interacionais também são reutilizadas, recicladas. E assim por diante.

Uma outra característica do ecossistema é o que se poderia chamar de **abertura**, para a qual já se usou também o conceito de porosidade. Tanto ela quanto ele têm muito a ver com as já mencionadas estruturas dissipativas. Todo ecossistema troca matéria, energia e informação com os ecossistemas adjacentes. Há um fluxo constante entre eles, quando não pelo fato de não estarem separados por fronteiras claramente delimitadas. O ecossistema é delimitado pelo observador, que estabelece uma linha imaginária separando o segmento que deseja investigar do

restante da imensa teia que é a natureza. Mesmo assim ele é estruturado, é um sistema, quando não porque é ecossistema. As interações que se dão em seu interior seguem alguns princípios, elas não inteiramente aleatórias, começando pela cadeia trófica.

Após delimitado, o ecossistema é encarado em sua totalidade. O investigador leva em conta tudo que interage em seu interior, donde a propriedade conhecida como **holismo**. Isso se dá mesmo quando ele se debruça sobre o comportamento de uma única espécie e até mesmo de um único espécime. Ele estuda as inter-relações que esse espécime (ou essa espécie) mantém no interior de 'todo' o ecossistema que delimitou. Enfim, pelo fato de o mundo como um todo ser a imensa teia de inter-relações que é, o ecólogo investiga o que se passa no interior do ecossistema (por ele delimitado) como um todo, não apenas com o que se passa em um pequeno trecho dele. No caso da língua, há inter-relação da sintaxe com a entoação, para não dizer com a morfologia, com a fonologia e com o léxico, por exemplo, por mais que a gramática gerativa queira negá-lo. A sintaxe tem a ver até mesmo com a ecologia da interação comunicativa.

A ideia de **adaptação** é muito importante para a sobrevivência das espécies e de cada espécime de organismo que as compõe. Darwin havia enfatizado a 'competição' e a 'sobrevivência do mais forte'. No entanto, estudos mais recentes têm demonstrado que as espécies que têm mais chances de sobreviver são justamente as que mais se adaptam às novas circunstâncias. Dizem que um bom exemplo é a barata. Ela é uma das espécies mais antigas e, provavelmente, uma das poucas que sobreviveriam a uma catástrofe atômica. Tudo isso porque ela é altamente adaptável. A contraprova são os dinossauros que, por serem pouco adaptáveis, provavelmente unívoros, desapareceram. Na dinâmica da língua a adaptação pode ser vista na interação comunicativa, em que o falante procura se expressar como acha que o ouvinte entenderia e o ouvinte procura interpretar o que ouviu como acha que é o que o falante quis dizer. Aprender língua é adaptar-se, línguas transplantadas se adaptam ao novo contexto e assim por diante.

A **evolução**, em ecologia conhecida como 'sucessão ecológica', é uma outra característica ineludível do ecossistema. Na verdade, ela tem muito a ver com adaptação. Adaptar-se é evoluir, evoluir é adaptar-se. O nascimento, envelhecimento e morte de um organismo ou de uma espécie é evolução, que não tem uma teleologia. Ela se dá ao acaso, mesmo que no sentido da teoria do caos. O mesmo acontece com a língua. Como disse Coseriu (1979), a língua existe porque muda, ela não pode funcionar senão mudando. Até na aprendizagem da língua dos pais pela criança (aquisição de L1) há mudança, pois, como disse Mufwene (2001), ela sempre replica de modo imperfeito a linguagem deles, o que acarreta evolução. Uma língua que não mudasse, como querem os gramáticos normativistas, morreria em poucas gerações, uma vez que não se adaptaria, não serviria mais como meio de comunicação no novo contexto. Enfim, a evolução parece ser o verso da moeda cujo reverso é a adaptação.

## ECO-REBEL

Por fim, existem ainda pelo menos mais duas outras características, que têm a ver com nossa postura em relação ao ecossistema como algo que contém vida. Uma delas é a **visão de longo prazo**. Como já se disse, a natureza não tem pressa. Portanto, não faz muito sentido falar-se em 'proteção da natureza', 'defesa do ecossistema tal' etc. Ela segue seu curso conosco ou sem nós. O que fizermos com ela (ou nela) agora, mesmo que nos pareça anódino, poderá ter consequências daqui a muitos anos. Por exemplo, ninguém sabe se haverá uma reação dela à retirada voraz de óleo (petróleo) de suas entranhas. Hoje não percebemos nenhuma consequência disso, mas, quem pode garantir que não haverá alguma em um século, ou até em cinquenta anos? Muitos dos devastadores de florestas e do cerrado atuais, para criar gado de leite e de corte bem como para plantar grãos, poderão dizer no futuro: 'Ah, se eu soubesse disso naquela época!' Mas, aí será tarde demais. Portanto, para nossa própria sobrevivência é bom pensarmos a longo prazo. O que parece desejável numa perspectiva de curto prazo pode mostrar-se desastroso no longo prazo. Como disseram os cientistas no IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança Climática da ONU) em 2013, em cem anos a temperatura poderá aumentar em quatro graus, e com o derretimento do gelo ártico o nível da água do mar poderá elevar-se até 30 centímetros.

Um setor em que a perspectiva de longo prazo certamente deve ser observada é o da política e do planejamento linguístico. Os administradores da Índia gostariam de ter o hindi como língua oficial de todo o país, mas os falantes das demais línguas não concordam. Com isso, adotaram o inglês provisoriamente. Só que, como a rejeição ao hindi persiste no sul do país, o inglês continua como língua oficial paralela a ele. Na China, há diversas línguas, tais como o cantonês, o hakka e outras, mas as autoridades querem fazê-las passar por "dialetos" e impor o mandarim como "a" língua da China. Com a conhecida persistência chinesa, vendem a ideia de que é o mandarim que é a língua do país, mesmo que não haja falante nativo dele em muitas regiões. A longo prazo essa política centralizadora certamente dará resultados.

A visão de longo prazo está intimamente associada a outra ideia que os gestores do meio ambiente e os humanos em geral precisam ter sempre em mente, que é a de **sustentabilidade**. Ela emergiu no contexto da Conferência de Estocolmo sobre meio ambiente (1972), resultando bem mais tarde no chamado Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum (1987). Basicamente, recomenda-se que o desenvolvimento para satisfazer as necessidades das gerações presentes não pode comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades. Já que o "desenvolvimento" é inevitável, que ele seja pelo menos sustentável, ou sustentado. Em Fill, Penz; Trampe (2002) há pelo menos o ensaio de Peter Finke e o de Richard Alexander tangenciando a questão. Fill; Penz (2007) anuncia já no título (*sustaining language*) que trata da sustentabilidade no domínio linguístico. Trampe (este volume) fala de outras características e/ou propriedades do ecossistema.

É importante ressaltar que a língua faz parte de um ecossistema, que é sua **exoecologia**, mas contém ecossistemas em seu interior, sua **endoecologia**, para usar a terminologia de Makkai (1993). Na exoecologia linguística entrariam as relações entre as línguas, entre língua e usuários, bem como entre língua e território (ou língua e mundo). As relações endoecológicas são basicamente o que se tem chamado de 'sistema da língua'. Assim, teríamos, entre outros, o 'ecossistema sintático', o 'ecossistema morfológico', o 'ecossistema fonológico' e, talvez, o 'ecossistema fonético', como se faz na linguística neurocognitiva (Lamb, 1966; Makkai, 1993; Couto, 1982). Fala-se até mesmo em 'ecologia da gramática' (Steffensen, 2008), 'ecologia do texto' etc. Levando-se em consideração que o léxico de uma língua é estruturado (em campos semânticos, por exemplo), possivelmente podemos falar em 'ecologia do léxico'.

### 2 Ecossistema, interação, língua

Vimos que no interior do ecossistema o que interessa são as interações, não os organismos nem seu meio, *habitat* ou território. No caso da língua é a mesma coisa. O que interessa não é o só o léxico nem só a gramática. Para falar a verdade, tampouco léxico e gramática são o centro de interesse para a ecolinguística e, com muito mais razão, para a linguística ecossistêmica, assim chamada por por tudo nela emergir do e imergir no ecossistema. Ela é uma linguística de base epistemológica fundamentalmente ecossistêmica.

Vimos que as interações que se dão no interior do ecossistema biológico podem ser de dois tipos: 1) interações organismo-território, 2) interações organismo-organismo. Na linguística ecossistêmica não é diferente. Primeiro, porque para ela a língua é o equivalente das interações. Ela equivale ao I da figura 1. Pondo 'indivíduo' humano no lugar de 'organismo' e 'mundo' no lugar de 'território', temos os dois tipos fundamentais de interação que se dão no interior do ecossistema linguístico. A **interação indivíduo-mundo** equivale é à **significação**, às vezes também chamada de referência denotação, denominação etc. A **interação indivíduo-indivíduo** equivale à **comunicação**, à interação comunicativa. Para falar em termos tradicionais, aí temos as duas "funções" fundamentais da língua, que são a de expressão do pensamento e a de comunicação, respectivamente.

Para o que aqui interessa, pode-se dizer que existem duas concepções de língua, a formalista e a interacionista. O **formalismo** a vê como um organismo (ou uma estrutura) composto de peças cujas interações o linguista deve explicar. É o que faz o estruturalismo, sobretudo a forma radical a que chegou sob o nome de gramática gerativa. Esse modelo está preocupado apenas com o sistema, deixando o uso de fora. O **interacionismo** faz justamente o contrário, partindo do uso ou da comunicação (interação comunicativa) e, uma vez que o sistema é importante para ela, também ele é levado em consideração, não como ponto de partida, mas de chegada, como auxiliar da comunicação.

## ECO-REBEL

Paralelamente ao ecossistema biológico mostrado na figura 1, temos o ecossistema linguístico, representado na figura 2.

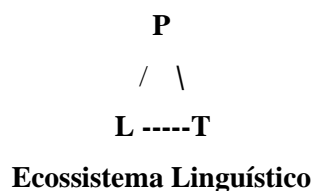


Fig. 2

A figura 2 mostra que o **ecossistema linguístico** é composto de uma população ou povo (P), vivendo em seu território (T) e interagindo verbalmente mediante sua própria língua (L). A linha segmentada entre L e T visa a salientar que não há relação direta entre língua e mundo, aqui representado por T. Essa relação é sempre mediada por P. Na seção 4, veremos que esse ecossistema pode ser encarado de pelo menos quatro perspectivas, dependendo do aspecto da linguagem que queiramos salientar.

A equivalência entre o I do ecossistema biológico e o L do ecossistema linguístico nos lembra pela enésima vez que a língua não é mero sistema, que serve de instrumento para a expressão do pensamento ou para a comunicação. Nem mesmo a maioria dos modelos interacionistas dá conta desse fato, uma vez que, para eles, a língua é “instrumento” de comunicação. Para a linguística ecossistêmica, ela é a própria comunicação. Mais uma vez, temos uma prova de que o que fazemos é ecologia, mais especificamente, **ecologia linguística**, outra designação para ecolinguística. Esse assunto será tratado na seção seguinte.

### 3 Ecologia linguística e linguística ecológica

Fill (2001) fala de duas tendências no que tange às relações entre língua, de um lado, e meio ambiente ou ecologia, de outro. Uma delas, iniciada com Haugen, parte da ecologia e transfere alguns de seus conceitos metaforicamente para os estudos da linguagem. A outra, iniciada com Halliday (2001), faria o percurso contrário; investiga o impacto da língua nas questões ambientais. Trata-se de uma questão de fundo na ecolinguística, qual seja, o uso que se faz de conceitos ecológicos nos estudos linguísticos. Infelizmente, porém, eles mostraram a questão apenas parcialmente, uma vez que em nenhum dos dois casos a língua é vista como um fenômeno realmente ecológico. As duas perspectivas reificam a língua. A de Haugen pressupõe uma “coisa” língua relacionando-se com seu meio ambiente. A de Halliday investiga a “coisa” língua a fim de averiguar como ela influencia a coisa meio ambiente.

A linguística ecossistêmica tem uma postura radicalmente diferente. Para ela, o estudo “ecológico” dos fenômenos da linguagem não se confunde com nenhuma dessas duas posições;



## ECO-REBEL

sequer com as duas em conjunto. Como vimos ao mostrar as homologias entre o L de língua e o I das interações ecológicas, o que o linguista ecossistêmico faz não é transportar conceitos da ecologia metaforicamente e inseri-los na linguística. Pelo contrário, ele faz ecologia diretamente, seu objeto de estudo é um ecossistema, no caso, **ecossistema linguístico**, que tem todos os componentes do ecossistema biológico (LPT, IPT). Assim, temos a ecologia geral ou **macroecologia**, que estuda todo e qualquer fenômeno ecológico, subdivida em ecologias regionais. Entre elas poderíamos mencionar a ‘antropologia ecológica’ ou ecoantropologia (Neves, 1996), a ‘sociologia ambiental’ ou ecossociologia (Catton; Dunlap, 1980), a ‘psicologia ambiental’ (Günther; Rozestraten, 2005) e outras. Uma vertente da ecofilosofia (ecosofia) que gostaria de salientar aqui é a da ecologia profunda, proposta pelo filósofo norueguês no início da década de setenta (Naess, 1973; 2002). Há ainda a geografia ecológica (ecogeografia), a arquitetura ecológica, enfim, praticamente toda ciência social tem uma versão ecológica.

A denominação ‘ecologia linguística’ deixa clara a concepção que a linguística ecossistêmica tem dos fenômenos da linguagem. Para ela, a língua (L) são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo (P) e entre eles e o mundo ou território (T), exatamente como na ecologia biológica. Vejamos sinoticamente as equivalências entre ecologia biológica e ecologia linguística.

### ECOLOGIA BIOLÓGICA

- ecossistema biológico
- população (P)
- habitat (biótopo, nicho) (T)
- inter-relações (interações (I)
  - a) relação organismos-mundo
  - b) relação organismo-organismo

### ECOLOGIA LINGUÍSTICA

- ecossistema linguístico, comunidade linguística (EFL: CF, CL)
- população, povo (P)
- território (T)
- linguagem/língua (L)
  - relação pessoa-mundo: **significação**, referência, denominação
  - relação pessoa-pessoa: **comunicação** (interação comunicativa)

Contrapor ‘ecologia linguística’ a ‘linguística ecológica’ não é mera questão de se verificar como se metaforizam conceitos ecológicos na linguística. Na primeira, o substantivo é ‘ecologia’, sendo ‘linguística’ o adjetivo que a qualifica e matiza, com o que fica explícito que estamos lidando com um tipo de ecologia. Na segunda, o substantivo é ‘linguística’ e ‘ecológica’ é o adjetivo. É um tipo de linguística que de alguma forma importa conceitos, metaforicamente, da ecologia. Em síntese, para a linguística ecossistêmica, **ecologia linguística** é outro nome para ecolinguística, concepção que já se encontrava em Couto (1999) e, mais recentemente, em Comellas Casanova (2011) e outros.

A esmagadora maioria dos ecolinguistas pratica algum tipo de ‘linguística ecológica’. No entanto, mesmo entre eles encontramos exceções. Uma das primeiras é o caso do filósofo da linguagem alemão Peter Finke e seu ex-aluno Wilhelm Trampe. O primeiro vem falando em

“sistema língua-mundo” (*Sprache-Welt-System*) desde pelo menos o final da década de setenta (Finke, 1996, 2001) e Trampe (1990, 1996). Outro alemão que vai na mesma direção é Strohner (1996). Ele foi um dos primeiros a usar a expressão ‘linguística ecossistêmica’. O catalão Bastardas i Boada (1996) também parte do conceito de ecossistema para estudar as difíceis relações entre o seu catalão materno e o majoritário espanhol. Denison (2001) faz algo semelhante para o que se poderia chamar de ‘ecossistema linguístico europeu’, ou seja, ele considera esse conjunto de línguas como uma ‘ecologia linguística’, o que lembraria o conceito de *Sprachbund*. O inglês Mark Garner vem criticando os ecolinguistas que usam conceitos ecológicos metaforicamente desde pelo menos Garner (2004).

Uma vez que a ecolinguística em geral, e a linguística ecossistêmica em especial, encara seu objeto de estudo holisticamente, existe uma vertente que se dedica à investigação de discursos, a **linguística ecossistêmica crítica** (LEC), mais conhecida como **análise do discurso ecológica** (ADE). Mesmo ela é ecossistêmica, uma vez que parte do ecossistema do ponto de vista epistemológico, do metodológico e do ontológico, como se pode ver no capítulo 15, dedicado a ela. Repetindo, a linguística ecossistêmica é um ramo da macroecologia, seu estudioso lida com fenômenos ecológicos, no caso, interações linguísticas. Passemos aos ecossistemas linguísticos.

#### 4 Ecossistemas linguísticos

Diferentemente da esmagadora maioria dos ecolinguistas, os praticantes de linguística ecossistêmica usam conceitos ecológicos a partir de dentro, como base epistemológica, como os tijolos com os quais se deve construir uma ecolinguística verdadeiramente ecológica. Vimos que o conceito ecológico mais importante, central, é o de ecossistema. Tudo na ecologia está nele. Por isso, é importante voltar ao conceito linguístico que equivale a ele, o **ecossistema linguístico** que, ao fim e ao cabo, equivale ao que em linguagem comum é conhecido como **comunidade**. Na verdade, não há apenas um ecossistema linguístico, mas, quatro, no mínimo, dependendo da perspectiva a partir da qual olhemos para os fenômenos da linguagem. São eles: 1) ecossistema natural da língua, 2) ecossistema mental da língua e 3) ecossistema social da língua. Os três convergem ou se fundem no 4) ecossistema integral da língua. Em cada um deles a língua deve ser relacionada ao respectivo meio ambiente, no caso, o 1’) meio ambiente natural, 2’) mental e 3’) social da língua. Por fim, temos o 4’) meio ambiente integral da língua. Como se pôde ver, quando falamos em meio ambiente estamos nos referindo a pelo menos quatro coisas. Tudo depende da pergunta que o investigador fizer. Se ele perguntar se a língua é uma realidade genérica, específica do ser humano, a resposta é sim. Após essa pergunta fundamental, ele pode ainda querer saber se ela é algo natural, mental ou social. Se indagar se ela é um fenômeno natural, a resposta será afirmativa, uma vez que ela se manifesta concretamente como ondas sonoras, é usada por seres de natureza física (biológica), para se

relacionarem entre si e com o mundo natural etc. Se perguntar se ela é um fenômeno mental, como faz Chomsky, obterá uma resposta também afirmativa. Por fim, se quiser saber se ela é social, ficará sabendo que ela o é. Vale dizer, ecolinguisticamente a língua é tudo isso ao mesmo tempo. Ela é um fenômeno **biopsicossocial**, termo frequente na área da saúde, mas não muito comum nos estudos linguísticos.

Não só na linguística, mas também na filosofia, temos precursores desses três (ou quatro) ecossistemas. O filósofo francês Felix Guattari defendeu a necessidade de se postularem “três ecologias”, em suas palavras, “a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental (natural)” (Guattari, 2011). No Brasil temos o filósofo Leonardo Boff. Ele afirma que é necessário identificarmos não só a “ecologia ambiental (natural)”, a “ecologia social” e a “ecologia mental”. É preciso incluir a “ecologia integral”, que abrange as outras três. Assim, sua proposta defende, por outras vias e com outras finalidades, algo muito parecido com o ecossistema integral da língua (ecologia integral), que conteria o ‘natural’ (ecologia ambiental), o ‘mental’ (ecologia mental) e o ‘social’ (ecologia social) (Boff, 2012). No site do autor (<http://www.leonardoboff.com.br>), há mais informações sobre o assunto. Os ecolinguistas dinamarqueses Jørgen Døør e Jørgen Christian Bang também defendem esses três ecossistemas em praticamente todas as suas publicações, sob a forma de ‘dimensões’ bio-lógica (natural), ideológica (mental) e sócio-lógica (social) (Bang; Døør, 2007 e *este volume*).

### 4.1 Ecossistema natural da língua

Como disse o filósofo da ecologia profunda Drenson (2010: 15), “o mundo natural é o solo inevitável de todas as línguas”. Prova disso é que o **ecossistema natural da língua** é constituído por um povo (P), convivendo em determinado lugar ou território (T) e interagindo por meio de sua língua (L) própria, como se vê na figura 3. A diferença entre ele e os demais ecossistemas linguísticos é que nele P e T são encarados como entidades físicas, naturais, e L são as relações concretas que se dão entre eles. Colocando índices em cada um desses constituintes, temos P<sub>1</sub> para o povo concreto em questão, os índios kamayurás, por exemplo, L<sub>1</sub> para a língua específica desse povo (o kamayurá) e T<sub>1</sub> para o território que esse povo ocupa no Parque Indígena do Xingu. No interior desse ecossistema, temos o **meio ambiente natural da língua**, constituído por P<sub>1</sub> e T<sub>1</sub>, como povo e território específico e concreto. A linha segmentada entre L<sub>1</sub> e T<sub>1</sub> mostra que não há uma relação direta entre ambos. Toda relação entre eles é mediada pela população, P<sub>1</sub>. Por ser concreto, T<sub>1</sub> em geral tem um nome próprio, mesmo que seja “a terra dos kamayurás”. Os indivíduos que compõem P<sub>1</sub> também são concretos. Cada um deles tem seu nome próprio. No caso da cultura luso-brasileira, cada indivíduo é o “o José da Silva”, “o João Ferreira”, “a Iracema dos Santos” etc.

## ECO-REBEL

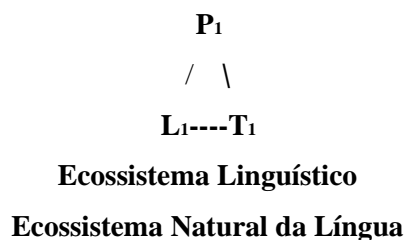


Fig. 3

Enfim, tudo que pertence à língua como fenômeno natural é estudado aqui. As coisas ainda não estão muito claras, mas parece que os sons usados na interação comunicativa, alguns aspectos dos atos concretos de interação comunicativa, a relação língua-mundo e outras entrariam aqui. Falando-se de textos, pode ser que os descritivos e os narrativos deveriam ser abordados dessa perspectiva, ao lado da referência lexical. A pesquisa está em andamento. É um desafio para os novos linguistas que queiram investigar algo de uma perspectiva inteiramente nova.

### 4.2 Ecosistema mental da língua

Para se perceber a ligação que há entre o ecossistema mental e o natural, basta lembrar o que disseram Marx & Engels na *Ideologia alemã*, além das ideias de Gregory Bateson. Por outro lado, a mente no presente sentido é uma espécie de elo entre o natural e o social. Vejamos a figura 4.

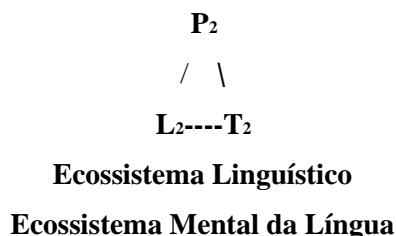


Fig. 4

Quando focamos a atenção na língua em cada indivíduo da população, notamos que ela foi formada, está armazenada e é processada no cérebro de cada um deles. As inter-relações da língua no interior desses cérebros se dão nas conexões entre os neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios. Essas interações são o cérebro em funcionamento, e o cérebro em funcionamento é a **mente**. Na figura 4,  $L_2$  está para língua como fenômeno mental, como conjunto de inter-relações mentais (regras interacionais, regras sistêmicas, vocabulário etc.),  $P_2$  para a parte do indivíduo da população que interessa, ou seja, as próprias conexões neurais, a mente, e  $T_2$  está para o **cérebro** concreto de cada indivíduo da população, que é o suporte, o *locus* dessas conexões. O **meio ambiente mental da língua** é constituído de  $P_2$  mais

## ECO-REBEL

T<sub>2</sub>, pois é aí que se dão as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua. A linha segmentada mostra que a língua como fenômeno mental (L<sub>2</sub>) se relaciona com os cérebros dos indivíduos apenas por intermédio das conexões neurais, não diretamente. Ela não é uma “coisa” que se relacionaria com a coisa ‘cérebro’, mas as interações que nele se dão.

Foi a complexificação do cérebro que diferenciou a comunicação humana da dos demais animais. Com o surgimento da mente, os humanos puderam armazenar informações e ter memória de fatos passados. A memória permitiu não apenas lidar de modo mais versátil com o presente, mas também levar em consideração o passado e, com isso, fazer previsões para o futuro. A memória levou às sociedades e às culturas complexas que temos hoje.

No caso presente, cada membro da comunidade tem um mapa mental do respectivo território, que não deve ser confundido com o próprio território (Korzybski, 1951; Bateson, 1979: 30-31), ao lado de todos os elementos de sua cultura e de sua língua que podem ser usados nas interações comunicativas. Quando deixam de ser usados, as imagens mentais desses dados tendem a esvaír-se, como no caso de alguém que muda de um lugar e começa a esquecer alguns de seus detalhes. Esse mapa é formado na interação do indivíduo com o mundo, tanto interação entre indivíduos quanto interação de cada indivíduo com o mundo. Na linguística, o campeão da visão da língua como fenômeno mental é Noam Chomsky, com sua gramática gerativa. O problema é que ele trata da questão em um nível extremamente abstrato, ignorando por completo os achados da ciência moderna (teoria da relatividade e mecânica quântica) e, o que é pior, as neurociências. Ele fica no nível da mecânica clássica de Newton.

Não é possível explorar este ecossistema da língua em pormenores. Restringir-me-ei a reproduzir o que o estudioso de ‘linguística neurocognitiva’ Sydney Lamb disse sobre um item do vocabulário. Como a língua é uma rede de interações e interconexões mentais, ele constatou, por exemplo, que "o nó para uma categoria conceptual parece ter conexões para/de um grande número de nós que representam suas propriedades, para/de outros nós conceptuais e para/de outros subsistemas. Por exemplo, conceitos para categorias de objetos visíveis têm conexões com nós da área visual; os de categorias de objetos auditivos, para/de nós da área auditiva e assim por diante. Tomando o conceito C<sub>gato</sub>, por exemplo, temos conexões visuais relativas à aparência dos gatos, conexões auditivas para 'miau' e outros sons feitos pelo gato, conexões táteis para o que sentimos ao tocá-lo. Além disso, há conexões para outros conceitos que representam informação sobre gatos no sistema de informação da pessoa em cujo sistema essas conexões se formaram". Assim sendo, "o conhecimento de uma pessoa sobre gatos é representado no sistema de informação por uma pequena rede, que compreende centenas ou milhares de nós, incluindo uma rede visual para traços visuais, uma rede auditiva para o 'miau' e assim por diante, todas 'mantidas juntas' por um nó coordenador central, ao qual podemos dar o

rótulo "Cgato" (Lamb, 2000: 177). A linguística neurocognitiva desse autor desenvolveu um sistema gráfico para representar essas conexões, de modo quase icônico, como se pode ver ainda em Makkai (1993) e Couto (1982). Para mais informações sobre o ecossistema mental da língua, e respectivo meio ambiente dela, pode-se ler Bateson (1987), Maturana; Varela (2011), Damásio (2002) e Lamb (2000), além das pesquisas neurolinguísticas, conexionistas e psicolinguísticas, entre outras.

#### 4.3 Ecossistema social da língua

Por fim, se encararmos a língua como fenômeno social (aqui representada por  $L_3$ ), como o próprio Haugen havia feito como sociolinguista que era, notamos que ela se encontra no seio da população como um conjunto de indivíduos como seres comunitários e sociais, a **coletividade**, representada por ( $P_3$ ), não considerados isoladamente como no ecossistema mental da língua. A totalidade desses indivíduos organizados é o suporte da língua como fenômeno social, o seu *locus*, vale dizer, a **sociedade**, representada por  $T_3$ . O **meio ambiente social da língua** é o conjunto formado por  $T_3$  mais  $P_3$ . A sociedade é o "lugar" em que se dão as interações dos seres sociais da coletividade, é o "território" social, a totalidade de tudo que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social. A linha segmentada aponta para o fato de que a língua se relaciona com o conjunto de indivíduos sociais por intermédio da sociedade.

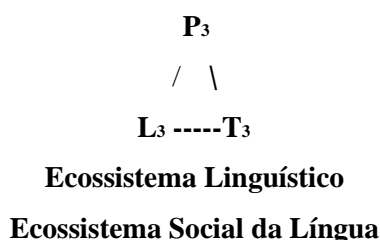


Fig. 5

Entre os assuntos desse ecossistema que têm sido estudados, poderíamos mencionar o discurso ambiental, o discurso dos poluidores que querem passar-se por ambientalmente corretos, o antropocentrismo, o etnocentrismo, o androcentrismo (machismo), bem como as ideias de desenvolvimento e o correlato de grandeza, de acordo com o qual o bom é crescer, tornar-se "grande." Nas sociedades ocidentais, não é bom ser pequeno, é preciso "desenvolver", a qualquer custo. Mas, os ecolinguistas dessa orientação defendem também a diversidade linguística (linguodiversidade), juntamente com a diversidade biológica (biodiversidade). É o caso das línguas minoritárias, dos dialetos e outras variedades linguísticas. Enfim, eles defendem a diversidade, no sentido mais amplo do termo.

Como já se pode ver em Haugen (1972), entre os assuntos tradicionalmente tratados nesse contexto temos ainda o bi-/multilinguismo, a variação linguística e o contato de línguas. Os estados que têm muitas línguas em seu território estabelecem (e impõem) uma **língua estatal** ou oficial. Isso é um dos tópicos do planejamento linguístico, ao qual o próprio Haugen dedicou vários estudos.

#### 4.4 Ecosistema integral da língua

Os três ecossistemas linguísticos que acabamos de ver (natural, mental, social) convergem no **ecossistema integral da língua**, equivalente à “ecologia integral” de Leonardo Boff. Ele é basicamente o que foi representado na figura 2 acima, reproduzido na figura 6 a fim de salientar suas especificidades relativamente aos outros três. A linha segmentada mostra que as interações entre L e T não se dão diretamente, mas só mediadas por P.

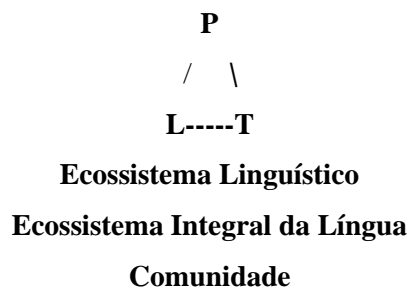


Fig. 6

Esse ecossistema linguístico corresponde à concepção que o leigo tem de língua. Para ele, genericamente, a existência de uma língua (L) pressupõe a de um povo (P) que a tenha formado e que a use, bem como de um lugar ou território (T) em que esse povo se encontra, donde o nome ‘ecossistema integral da língua’, alternativamente também conhecido como **ecossistema fundacional da língua**. É nele que se fazem as perguntas fundamentais relativamente à língua, tais como 'o que é língua?', 'a língua é de natureza social, mental, ou natural?', 'qual é a posição da língua na espécie humana? etc. No interior desse ecossistema, o 'meio ambiente integral da língua' é constituído por P e T, considerados genericamente, ou seja, P não é um conjunto de indivíduos concretos e T não é um território concreto, ambos constituem o ‘mundo’, como quando falamos genericamente em relações entre língua e mundo. O ecossistema integral da língua é chamado também de **comunidade**, que pode ser encarada da perspectiva da comunidade de fala e da comunidade de língua.

A **comunidade de língua** (CL) não é difícil de ser delimitada. A comunidade de língua portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e, mais recentemente, Timor Leste. A comunidade de língua islandesa se

restringe à Islândia assim como a comunidade de língua da maioria dos povos ameríndios se restringe ao domínio territorial de seus falantes. CL é o domínio do sistema, de modo que qualquer lugar em que se tem consciência de que a língua usada é o português faz parte da CL portuguesa, independentemente de ela estar sendo usada no momento ou não. Por ser o domínio do sistema, fica como que uma abstração. Por outro lado, pode ser comparada ao bioma, como a tundra, a taiga, a floresta tropical, o cerrado etc. Todos nós sabemos mais ou menos onde começam e onde terminam.

A **comunidade de fala** (CF) é mais difícil de ser qualificada. Por ser concreta, corresponde mais propriamente ao ecossistema linguístico. Sempre que houver um grupo de pessoas (P), convivendo em determinado lugar (T) e interagindo verbalmente pelo modo local de interagir (L), tratar-se-á de uma CF. O Brasil é uma comunidade de fala; Portugal, outra comunidade de fala; Angola, outra; um pequeno povoado do interior de cada um desses países também pode ser considerado como uma CF. Até mesmo o grupo de alunos e o professor de uma sala de aula podem ser delimitados como a CF que o linguista vai investigar. O primeiro pré-requisito para sua existência é T; o segundo, os membros de P em interação nesse T. Exatamente como ocorre com o ecossistema biológico.

Há **comunidades de fala simples**, como no caso de um pequeno grupo étnico ameríndio, monolíngue e monodialetal. No entanto, quase todas as situações conhecidas são de **comunidade de fala complexa**. O conceito de CF complexa abrange tudo que não entra na CF simples. Portanto, sempre que houver um grupo ou região bilíngue ou multilíngue, tem-se uma CF complexa. Complexa é também a CF multidialetal, que é o caso da maioria dos casos conhecidos. A CF simples tem como representante extremo a **comunidade de fala mínima**, constituída apenas dos participantes da interação comunicativa, falante e ouvinte. A **CF complexa máxima** coincide com a comunidade de língua.

Diante de tudo que acaba de ser dito nesta seção, podemos ver quão inadequadas têm sido as conceituações de ecolinguística como sendo estudo das relações entre língua e meio ambiente, a não ser que as qualifiquemos apropriadamente. Uma vez que a língua é uma imensa rede de interações, seu ‘meio ambiente’ só pode ser o *locus* dessas interações, o “lugar” em que elas se dão. Nesse caso, vimos que elas se dão em três *loci* distintos, isto é, o ecossistema natural, o mental e o social, aos quais se junta o integral. Em suma, existem pelo menos quatro meios ambientes da língua.

Gostaria de terminar com um comentário sobre a globalização. Tem-se às vezes alegado que o modelo ecossistêmico (PTL) tende a esvair-se, os diversos PTLs tendem a ser tragados por um único, o do inglês. Nesse caso, teríamos um PTL universal, sem outros a que possa ser comparado e muito menos equiparado. Outro argumento sobre uma presumível ausência de T seria o mundo virtual: muita gente está o tempo todo ligada em algum trambolho digital. No



entanto, será que essas pessoas dormem nele, se alimentam nele, namoram nele? Como isso frequentemente se dá em inglês, seria uma redução das espécies língua (Mufwene, 2001) a uma única, e a ecologia nos mostra que isso implica pobreza e até extinção. Porém, será que isso vai realmente acontecer? Não haverá um movimento contrário a essa onda, por mais avassaladora que ela seja? Se não houver, será o apocalipse.

### 5 Ecologia da interação comunicativa

Como de uma flor desabrochando, a língua nasce nos **atos de interação comunicativa** (AIC) em suas respectivas ecologias da interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente. Uma língua está viva não apenas quando há pessoas que conhecem suas regras, mas enquanto ainda é usada em AICs concretos por pelo menos duas pessoas, que constituem a comunidade de fala mínima. Se há apenas uma que a conheça, ela já está morta, não há ninguém com quem ela possa entrar em atos de interação comunicativa. Ela nasce, vive e morre neles.

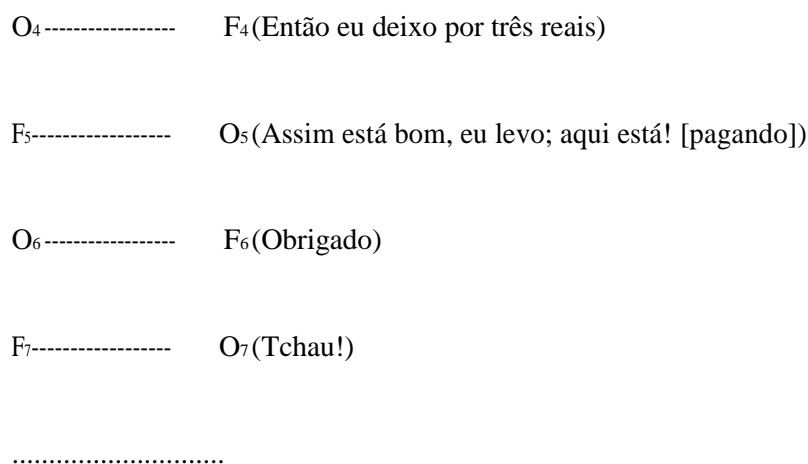
A **ecologia da interação comunicativa** (EIC) em que os AICs ocorrem consta de a) cenário, b) falante e ouvinte, c) **regras interacionais** e **regras sistêmicas**, d) circunstâncias, ou seja, aquele(s) de que o falante fala e/ou está/estão com o ele, e aquele(s) que está/estão com o ouvinte e/ou de que ele fala. O falante (F) é o EU; o ouvinte (O), o TU (VOCÊ). Quanto ao que está do lado de F é o ELE<sub>1</sub>; o que está do lado de O é o ELE<sub>2</sub>. ELE<sub>1</sub> mais ELE<sub>2</sub> constituem o ELES. Os três são o **assunto** da interação comunicativa. Todos eles podem ser substituídos por nomes, todos os substantivos da língua, uma vez que são eles que designam aquilo de que se quer falar. Os nomes substituem os pronomes dos AICs. Isso mostra mais uma vez que a língua nasce nos AICs. O cenário compreende ainda os dêiticos *aqui/agora/assim, aí/então/assado* etc. A interação comunicativa propriamente dita constitui o diálogo, que é um **fluxo interlocucional**. Ele consiste numa alternância entre F e O. É impossível prever a direção que o diálogo tomará. Sequer seu término pode ser previsto. No entanto, tudo está submetido a regras socialmente sancionadas, sem excluir a possibilidade de negociação de significados durante o próprio diálogo. Eis um exemplo de fluxo interlocucional, conforme exposto em Couto (2013). Ele mostra um diálogo entre uma dona de casa e um feirante.

F<sub>1</sub>----- O<sub>1</sub>(Quanto custa isto?)

O<sub>2</sub>----- F<sub>2</sub>(Cinco reais)

F<sub>3</sub>----- O<sub>3</sub>(É muito caro!)

## ECO-REBEL



**Figura 7**

A figura 7 mostra que quem era falante em um nível (F<sub>1</sub>) passa a ouvinte (O<sub>2</sub>) em outro, e vice-versa. As últimas setas descendentes e as reticências mostram que o diálogo poderia continuar. O essencial em qualquer EIC são as regras interacionais, no sentido de regra-regularidade, não de regra-regulamento. Até o momento já detectamos as seguintes, que parcelar e fragmentariamente já vinham sendo estudadas por 'análise da conversação', 'interacionismo', 'teoria dos atos de fala', 'postulados conversacionais de Grice' e outros:

### **Regras interacionais**

- 1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.
- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).
- 8) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) F e O devem manter-se atentos, "ligados" durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.

## ECO-REBEL

- 11) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso* etc.).
- 15) Regras sistêmicas** (inclui toda a ‘gramática’).

Como se vê, as regras sistêmicas (gramática) também são parte das regras interacionais. Também elas existem para a eficácia da interação comunicativa. Assim, a ordem dos constituintes da frase existem para informar quem fez o quê a quem. Em *O menino pequeno vê a menina grande*, se invertermos a ordem a informação é outra (*A menina grande vê o menino pequeno*). Dentro de cada constituinte existe estruturação, outrossim, para dar informação ao ouvinte. Os artigos *o* e *a* são necessários para informar que se trata de *menino* e *menina* conhecidos do ouvinte. Quanto a *grande* e *pequeno*, especificam a qualidade da menina e do menino. Enfim, a gramática não é mero inventário de regras estruturais (ou princípios e parâmetros) para se formarem frases gramaticais. Como salientou Coseriu durante toda sua vida, isso é uma abstração feita pelo linguista a partir da observação de atos de interação concretos.

Eugenio Coseriu, que é um linguista estruturalista filiado a Saussure, afirmou que "mientras que la lengua se halla toda contenida en hablar, el hablar no se halla todo contenido en la lengua" (Coseriu, 1967: 287). Tomando “*hablar*” como interação comunicativa e “*lengua*” como regras sistêmicas, sua asserção se aplica sem problemas à linguística ecossistêmica. Adaptando sua terminologia à da linguística ecossistêmica, teríamos: “el sistema está en el IC pero el IC no está en el sistema”. Isso se considerarmos a língua do ponto de vista da população ou povo (P) que a usa, uma vez que L se liga diretamente a P, como se pode ver na representação dos ecossistemas linguísticos apresentadas acima. Do ponto de vista de T (que não se relaciona diretamente com L), pode-se dizer que os AICs estão de acordo com o sistema aí vigente, contrariamente ao que disse Coseriu, pelo fato de as regiões consideradas como pertencentes à comunidade de língua o serem pelo fato de eventualmente ocorrerem aí atos de interação comunicativa usando esse sistema.

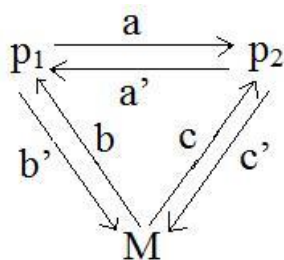
Na análise da conversação, usa-se outra terminologia que, ao fim e ao cabo, converge com essas regras. Marcuschi (1998), por exemplo, fala em faces, crenças e conhecimentos, normas e práticas sociais, pistas de contextualização, condições situacionais (p. 15) etc. Ele continua afirmando que “não podemos confiar apenas nas características estruturais da interação nem nas

propriedades comunicativas da língua, nem nos contextos situacionais imediatos de produção da interação, mas devemos estar atentos para o que os falantes fazem com tudo isso, se queremos perceber como eles se entendem” (p. 18). Para ele, “a negociação [é] um processo central para a produção de sentido na interação verbal”. No entanto, salienta, “não negociamos crenças nem convicções, que têm consequências por vezes relevantes na continuidade de um tópico e pode ditar sua ‘morte’” (p. 19).

Nos AICs concretos, praticamente todas essas regras são violáveis, infringíveis. A tal ponto que, para Makkai (1993: 48), em sua cruzada contra a gramática gerativa, “gramatical é o que ocorre, e agramatical o que não ocorre”, não necessariamente o que é construído pelo linguista. Não precisamos ser tão radicais, mas sabemos que o contexto da EIC pode dar lugar a infringências das regras sistêmicas. Mas, e as regras interacionais, pode-se infringi-las sem prejuízo para o entendimento? Aparentemente, as regras de 1 a 3 e a de número 9 precisam ser obedecidas. Se o falante ficar a muito longe do ouvinte (regra 1), de costas para ele (regra 2), olhando para outras direções (regra 3) ou “não ligado” na interação (regra 9), o som que ele emite poderá não ser captado apropriadamente, com o que poderá haver incomunicação. Porém, a consequência mais séria de sua não observação é uma quase certa sanção social.

### 6 Língua como interação

Os tripés constituídos de P, T e L examinados nas seções anteriores representam os ecossistemas básicos da língua. Infelizmente, porém, isso pode levar ao mal-entendido de que esses ecossistemas constariam da coisa P, a coisa T e a “coisa” L, uma vez que P, T e L parecem estar em pé de igualdade. Porém, vimos também que ecolinguisticamente a língua é interação. A figura 8 mostra como a língua pode ser encarada como constituída só de interações.



Língua como Interação

Fig. 8

Inicialmente, temos a interação ecológica organismo-organismo, mais especificamente, entre duas pessoas (p<sub>1</sub>, p<sub>2</sub>) da população (P). A primeira interação consiste em uma solicitação (a) de p<sub>1</sub> a p<sub>2</sub>, já descrita em outro lugar. Nessa interação, p<sub>1</sub> é o falante e p<sub>2</sub> ouvinte. Como reação a essa solicitação, temos, em um segundo nível, a interação em p<sub>2</sub> atende (a') a solicitação,

transformando-se em falante e  $p_1$  em ouvinte. Essa interação equivale ao que tradicionalmente se chama de **comunicação** ou, linguístico-ecossistemicamente, **interação comunicativa**. Em seguida, temos a interação ecológica organismo-mundo, ou entre as pessoas da comunidade e aspectos do mundo (M), aquilo a que se referem e falam, conhecida como **significação** ou **referência**. É necessário salientar que cada pessoa pode ter uma experiência ligeiramente diferente com o mundo. É por isso que a interação de  $p_1$  com ele está indicada por  $b$  e  $b'$ , enquanto que a de  $p_2$  está assinalada por  $c$  e  $c'$ . No caso,  $b$  e  $c$  indicam a projeção do dado do mundo na mente da pessoa, para o momento da sensação e percepção;  $b'$  e  $c'$  estão para o momento do reconhecimento, identificação e compartilhamento desse dado do mundo. O grau de eficácia da interação comunicativa depende do grau de semelhança entre  $b$  e  $c$ . Se for de igualdade ( $b=c$ ) temos a comunicação 100% eficaz. Se  $b$  e  $c$  forem totalmente diferentes, a eficácia comunicativa será zero. Entre os dois extremos temos o que normalmente se dá, ou seja, entendimento mais ou menos parcial. Por fim, é importante ressaltar que não é possível aqui mostrar as interações endoecológicas que se dão no interior do que vai de  $p_1$  a  $p_2$  e vice-versa, ou seja, as interações estruturais entre os diversos componentes do enunciado e/ou do texto. Isso é objeto da sintaxe.

Qual interação vem primeiro, a comunicativa (comunicação) ou a referencial (significação). Trata-se do mesmo dilema de se saber o que vem primeiro, a comunicação ou a expressão do pensamento. Em princípio, a linguística ecossistêmica é propensa a ver as duas interações se dando simultaneamente. Nós nos comunicamos expressando pensamentos e nos expressamos comunicando, como Bakhtin não se cansava de dizer. De qualquer forma, a relação  $p_1$ - $p_2$  pode se dar na interação comunal, na comunhão, discutida na seção 8.

A interação referencial (organismo-mundo) consta, geneticamente, de duas etapas. A primeira vai do aspecto do mundo para  $p$ , num percurso perceptivo e até onomasiológico. A segunda faz o trajeto inverso, indo de  $p$  para o aspecto do mundo, num processo de identificação e semasiológico. O primeiro processo se dá no falante; o segundo, no ouvinte. Em Couto 2007:

128) pode-se ver que o primeiro momento dessa interação pessoa-mundo, independentemente de  $p_1$  e  $p_2$ , ou seja, em qualquer pessoa da comunidade é, inicialmente, de percepção, que compreende a sensação e a identificação ( $b$ ,  $c$ ). O segundo é de conceptualização, que abrange o compartilhamento ( $a$ ,  $a'$ ) e sua confirmação comunitária, a lexicalização ( $c$ ,  $c'$ ). Considerando o ecossistema mental da língua, temos que levar em conta ainda que há uma complexa rede de interações entre dendritos e axônios nos cérebros de cada membro da comunidade. É nesse sentido que se deve entender a asserção de que a língua é uma imensa rede de interações.

A figura 8 permite entender ainda diversas outras facetas da língua como interação. Ela nasceu filogeneticamente, e nasce ontogeneticamente a todo instante, das interações dos diversos indivíduos ou pessoas ( $p_x$ ) que constituem a população. No caso,  $p_1$  e  $p_2$  interagem ( $a$ ) para se

orientarem no mundo, logo, para falar dele (b, c), pelo menos originariamente. Depois de formada, a língua adquire uma relativa autonomia frente ao mundo, de modo que algumas interações do tipo *a* podem não se referir a nada nele. De qualquer forma, a eficácia dos atos de interação comunicativa entre  $p_1$  e  $p_2$  dependerá do grau de semelhança entre a interação de  $p_1$  de  $p_2$  com o mundo. Se for igual ( $b=c$ ), a eficácia será 100%, o que raramente se dá.

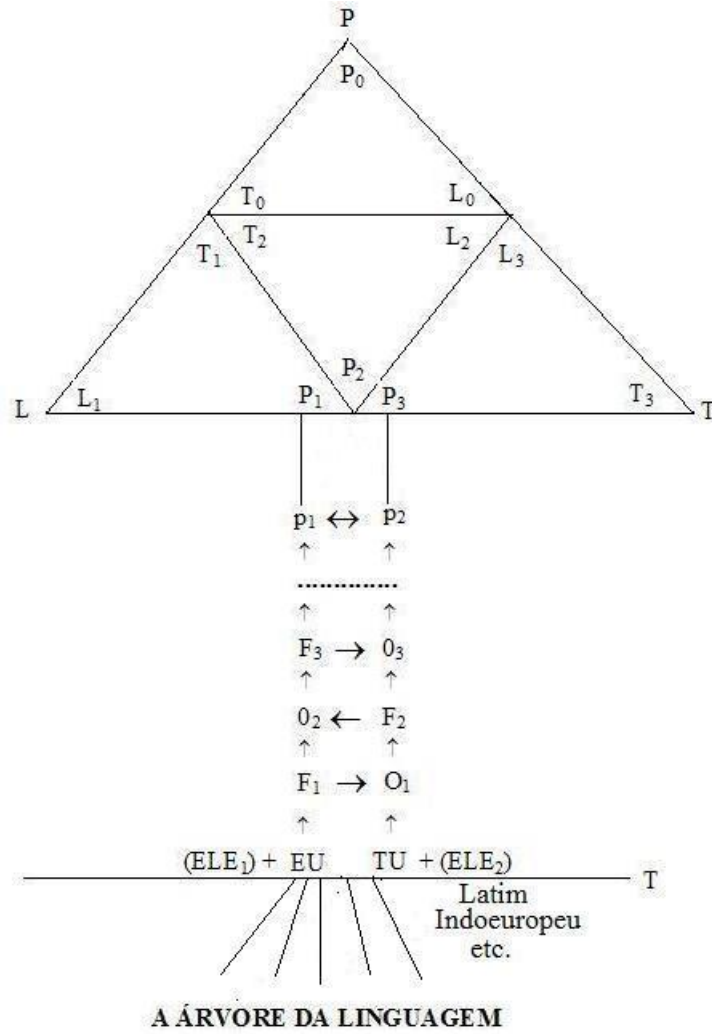
Entremos no âmago da totalidade das interações (a,b,c) e examinemo-las à luz dos princípios ecológicos. Na seção anterior, vimos que as interações do tipo *a*, entre falante ( $p_1$ ) e ouvinte ( $p_2$ ), são guiadas pelas regras interacionais, entre as quais se incluem as regras sistêmicas. As interações do tipo *b* e *c* entre si, por seu turno, em princípio são da mesma natureza, mas não necessariamente idênticas. Cada membro da comunidade (de P) pode ter uma experiência diferente em suas relações com mundo, portanto, cada palavra sua pode ter conotações pessoais, familiares, grupais etc. De qualquer forma, elas têm um núcleo comum, garantido pelo compartilhamento social. Aliás, o que mantém a comunidade unida como tal é justamente esse compartilhamento. A parte específica da experiência de cada indivíduo pode ser negociada durante os atos de interação comunicativa.

Na seção anterior já vimos uma lista provisória de regras interacionais. Vimos também algumas sugestões de como seu subconjunto ‘regras sistêmicas’ contribui para a eficácia da interação comunicativa. Fica faltando examinar a interioridade das próprias mensagens enviadas por  $p_1$  a  $p_2$ , vale dizer, a estrutura do **enunciado**, assunto geralmente estudado pela “gramática”, que compreende a sintaxe, a morfologia e a fonologia, para não falar da semântica e do léxico. Infelizmente, não é possível entrar nessa espinhosa questão endoecológica aqui. Eu diria apenas que dividir o enunciado em ‘tema’ e ‘rema’, ou ‘tópico’ e ‘comentário’, como fazem os funcionalistas, já é um bom começo.

### 7 A Árvore da linguagem

Examinados os quatro ecossistemas linguísticos (natural, mental, social → integral), a ecologia da interação comunicativa que imerge neles e a língua como interação, é chegado o momento de integrar tudo em um único esquema. Seguindo o que fizeram Maturana; Varela (2011), que falaram de uma ‘árvore do conhecimento’, vou propor a **árvore da linguagem**, como se vê na figura 9.

**ECO-REBEL**



**Figura 9**

Tudo começa no espaço físico, a terra ou terreno (T) em que duas pessoas da comunidade (EU e TU) se engajam em um diálogo ou fluxo interlocucional. Em um primeiro momento, como vimos na seção anterior, EU é falante (F<sub>1</sub>) e TU ouvinte (O<sub>1</sub>). No turno seguinte, as posições se invertem, com o que temos F<sub>2</sub> e O<sub>2</sub>. No terceiro, nova inversão, dando F<sub>3</sub> e O<sub>3</sub>, e assim sucessivamente, como já mostrado na figura sete, na direção descendente. O EU inicial é um indivíduo da comunidade, indicado por p<sub>1</sub>; TU, outro, representado por p<sub>2</sub>. Tudo desemboca no encontro dos três ecossistemas linguísticos (natural, mental, social), o que mostra que na interação comunicativa quaisquer dois membros de P podem entrar em interação. O triângulo inferior esquerdo representa o ecossistema natural da língua (L<sub>1</sub>P<sub>1</sub>T<sub>1</sub>). O da direita é o social (L<sub>3</sub>P<sub>3</sub>T<sub>3</sub>). Entre os dois, ligando-os, encontra-se o mental (L<sub>2</sub>P<sub>2</sub>T<sub>2</sub>). Dominando-os e abarcando-os temos, no topo, o ecossistema integral da língua (L<sub>0</sub>P<sub>0</sub>T<sub>0</sub>). Pelo fato de estar dominando-os, esse ecossistema pode ser lido também como o triângulo maior, ou seja, LPT.

No fundo da figura, temos o lugar em que a interação se dá, que pode ser entendido como o chão, a terra, o terreno ou o território (T) em que eles se encontram. É o *locus* da interação

comunicativa. Sabemos que tudo na linguagem nasce nela. De início, os dois interlocutores se chamam por EU e TU, cada um deles com aquele(s) que está(ão) de seu lado. Como já vimos, do lado de EU temos o ELE<sub>1</sub>; do de TU, ELE<sub>2</sub>. Se EU incluir ELE<sub>1</sub>, temos NÓS<sub>1</sub> exclusivo (exclui TU); se incluir TU, com ou sem ELE<sub>1</sub>, teremos NÓS<sub>2</sub> inclusivo. O falante (EU) pode incluir ELE<sub>2</sub>, com ou sem ELE<sub>1</sub>, em sua referência a TU, com o que produzirá VÓS<sub>1</sub> exclusivo (exclui ELE<sub>1</sub>). Se juntar a TU ELE<sub>2</sub> a ELE<sub>1</sub>, teremos VÓS<sub>2</sub> inclusivo. Juntando-se ELE<sub>1</sub> e ELE<sub>2</sub>, ter-se-á em ELES. Abaixo de tudo, temos as raízes da linguagem enterradas no chão. Como sugerido por Gilberto Araújo e Nathália Costa, essas raízes são a origem da linguagem, lembrando a frase popular “minhas raízes estão no lugar tal”, de modo que as raízes do português estão no latim e no indo-europeu.

Com isso, temos praticamente todos os participantes da ecologia da interação comunicativa. Como alguns filósofos da linguagem demonstraram, todos os substantivos da língua são substitutos de ELE<sub>1</sub>, ELE<sub>2</sub> e ELES. Com efeito, a própria gramática normativa tradicional nos diz que eles representam aquele ou aquilo de que se fala. Ora, podemos falar de tudo (pelo menos de tudo que tem nome), inclusive dos próprios participantes da interação comunicativa, sob a forma de *me/mim*, *te/ti*, *nos*, *vos*, para não falar em *se*, *o* e *lhe*. As demais categorias (verbos, adjetivos, conetivos etc.) ficam de fora no momento. São necessárias mais investigações a fim de mostrar como elas emergem da ecologia da interação comunicativa, no seio da árvore da linguagem, que, no caso, seria uma conífera.

Se em vez de uma árvore tivéssemos um organismo animal vivo, talvez as metáforas fossem mais convincentes. Os ossos e os músculos seriam as regras (interacionais e sistêmicas) e a própria interação comunicativa seria o sistema respiratório, circulatório, digestivo, linfático etc.

### 8 Comunhão

Não basta o compartilhamento de regras interacionais e sistêmicas para que uma tentativa de interação comunicativa seja eficaz. É preciso que elas sejam precedidas de algum tipo de **comunhão**. Talvez ela seja mesmo a interação comunicativa primordial, mais primitiva. Como a origem religiosa do termo já sugere, estar em comunhão significa estar em sintonia de espírito, estar em harmonia, numa atmosfera de solidariedade a partir da qual muitos atos de IC e de generosidade poderão acontecer. É uma satisfação com o próprio ato de estar junto. Em um grupo de pessoas que estejam em comunhão pode até ser que ninguém diga nada, mas estão todos abertos ao que qualquer um disser. Nesse sentido, comunhão é uma abertura para a comunicação. Até os animais “superiores” entram e podem viver em comunhão, como ocorre nas manadas, nos bandos, nos rebanhos, nas colmeias, nos cardumes e em todas as ações concertadas. No plano linguístico, não são só os atos de interação comunicativa que pressupõem comunhão, no nível da comunidade de fala. Até no nível da comunidade de língua há



comunhão. Com efeito, os habitantes dos países da CL portuguesa pertencem a ela não apenas por viverem em um dos sete países oficialmente de língua portuguesa, mas, sobretudo, por compartilharem a ideia de que dominam a mesma língua, que a compartilham. Nesse sentido, estão em sintonia, em comunhão (macrocomunhão).

Voltemos à interação comunicativa. Se alguém se dirigir a outrem em uma cidade estranha e perguntar de chofre “Onde fica a rua Tiradentes?”, o potencial ouvinte poderá não ter a boa vontade de dar a informação requerida. É necessário que o falante diga antes algo como “por favor!”, “amigo!” e até “oi!” em situações que se mostrem passíveis de informalidade (falando a um jovem, a uma criança etc.). Nesse caso, o transeunte parará, olhará para o falante e certamente dará a informação desejada. As expressões recém-dadas são **pré-perguntas**. Mas, na EIC poderá haver também **pré-ordem**, **pré-asserção** etc. Repetindo, a comunhão é um tipo especial de comunicação (**comunicação comunal**) que prescinde de palavras. Por isso é a interação comunicativa mais primitiva, no sentido de primeva. Tanto que a compartilhamos com os demais animais. Desse ponto de vista, ela seria um bom ponto de partida para se comparar a comunicação humana com a comunicação animal. Contrariamente ao que pensam muitos linguistas, sobretudo os de pendor gerativista e estruturalista em geral, mas também muitos cientistas sociais, a comunicação humana é uma continuação da comunicação animal.

Os AICs eficazes começam e terminam na comunhão. Eles são exemplos de microcomunhão. Primeiro, tem que haver, como observado por Roman Jakobson, a abertura do canal, que é o ato de entrar em comunhão. Segundo, é a comunhão que mantém o diálogo. Terceiro, é ela que o determina, tanto no sentido de que o AIC será eficaz só se falante e ouvinte entrarem em acordo (comunhão) sobre o conteúdo da mensagem, quanto no de que não se termina um diálogo bruscamente, tem que haver um fecho (fechamento do canal, segundo Jakobson). Sem comunhão não há comunicação: casais que conhecem o significado das palavras e as regras de combiná-las, juntamente com as regras interacionais, “não se entendem” por que não entram em comunhão, numa sintonia de espírito que leva a uma boa vontade, à harmonia, a um ter os mesmos objetivos.

### **8 Endoecologia linguística**

A **endoecologia linguística** equivale aproximadamente à linguística interna tradicional. Na ecolinguística ela vem sendo defendida por Peter Finke, Wilhelm Trampe e Bang & Døør (todos neste volume). Como disse o proponente do termo (Makkai, 1993) opondo-o a exoecologia linguística, aí entram questões sintáticas, morfológicas, fonológicas, fonéticas e semânticas, além das lexicais. Aliás, a gramática pragmo-ecológica desse autor (p. 15-100) é dedicada ao assunto, bem como a gramática estratificacional (linguística neurocognitiva) em que ela se baseia (Couto, 1982). Em torno da Escola Ecolinguística de Brasília, ou seja, na linguística

## ECO-REBEL

ecossistêmica, vários temas endoecológicos têm sido estudados. Já tivemos uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado sobre o vocabulário dos ciganos calon do norte de Goiás, no contexto de sua situação ecolinguística. Na mesma época, houve uma dissertação sobre a comunidade surda de Prata (MG) e uma tese sobre a comunicação de uma surdocega de Barreiras (BA). Houve também uma investigação sobre o vocabulário e o território dos ciganos kalderash de Aparecida de Goiânia (GO).

Na morfossintaxe também já temos algo. A começar dos processos morfológicos de formação de palavras. Seguindo sugestões de Martinet, já foi mostrada a evolução de algumas palavras simples da atualidade, como *metrô* e *vapor*. A primeira evoluiu do francês *chemin de fer metropolitain*, passou por *metropolitain* até chegar a *metrô*. A segunda começou como *barco movido a vapor*, passando por *barco a vapor*, terminando em *vapor*. É claro que aqui temos apenas uma representação bem esquemática. Para ver toda a evolução e sua justificação ecológica, pode-se consultar Couto (2007: 174-187).

Ainda na morfologia, já se investigaram os prefixos *re-* e *des-*. O serem os mais frequentes na língua portuguesa certamente tem a ver com o fato de expressarem duas de nossas ações mais frequentes no mundo. Primeiro fazemos algo, mas, conforme as circunstâncias, podemos desfazê-lo. Às vezes, acontece de nos arrependermos de tê-lo desfeito, ou de precisarmos dele novamente, com o que o refazemos. Esse processo parece refletir o processo biológico pelo qual surge um ser vivo, que morre e sua matéria é reciclada em outros seres vivos. Tudo na natureza parece evoluir ciclicamente. Por fim, foi feito um estudo sobre a reciclagem da preposição *sem*, que foi reutilizada como prefixo, em palavras como *sem-vergonha*, *sem-terra*, *sem-teto* etc.

Na sintaxe, uma das principais contribuições da linguística ecossistêmica é ter ressaltado que suas estruturas existem para garantir a eficácia na comunicação, como já foi sugerido na seção 5, acima. Davi Albuquerque vem estudando a endoecologia do português de Timor Leste ecolinguisticamente. É importante ressaltar que a recursividade sintática, tida por Chomsky como um dos traços mais característicos da linguagem humana, é de natureza fractal, fato que ainda está esperando por uma investigação mais aprofundada.

Na semântica, o primeiro assunto a ser investigado são as preposições. Partindo da figura 10 como representando as relações básicas de um objeto em relação ao outro e/ou a um observador, podemos fazer um estudo bem interessante.

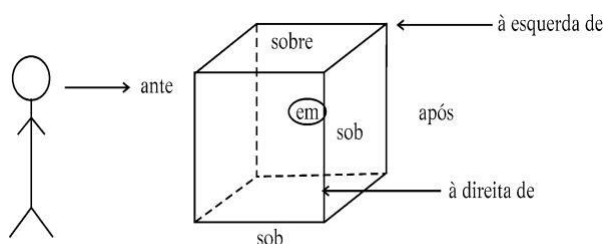


Figura 10

Para o observador, tudo que estiver entre ele e o objeto (cubo) estará também *antes dele* (*ante*); o que estiver do lado oposto, estará *depois dele* (*após*); o que se localizar no interior do cubo, estará *nele* (*em+ele*), *dentro dele*. Temos ainda a posição de superioridade (*sobre, em cima de*), de inferioridade (*sob, embaixo/debaixo de*) além de *à esquerda de* e *à direita de*. O que se encontra no espaço que vai do observador ao cubo, pode ser considerado também como estando *entre* eles. Essa é a **base onomasiológica**, que vai da coisa/referente à palavra. No entanto, a língua, após formada, adquire uma relativa autonomia frente ao mundo (via metáforas, polissemias, homonímias etc.), de modo que todas essas preposições podem adquirir outros valores, momento da **virada semasiológica** (da palavra à coisa). Por exemplo, *sobre* passou a indicar também assunto (falar sobre algo). *Direita* e *esquerda* adquiriram conotações políticas (direitista, esquerdista etc.) e assim por diante. O que se diz aqui das preposições vale igualmente para todo o léxico da língua. Temos ainda as preposições direcionais como *a, até, para*, que indicam movimento na direção de um alvo (|) e *de, desde*, que indicam movimento a partir de um ponto (|).

Ainda na semântica, temos os conceitos polares, tais como *branco/preto, grande/pequeno, norte/sul, alto/baixo, quente/frio, bom/mau* etc. Na filosofia ocidental, eles são tidos como antagônicos, um se opondo ao outro. A linguística ecossistêmica os interpreta como complementares, como formando um todo, uma vez que se articulam ao longo do mesmo eixo. Um depende do outro, como se faz na filosofia oriental, sobretudo no taoísmo. Um exemplo que tem sido dado com frequência é o caso de um elefante pequeno ser enormemente maior do que uma formiga grande.

No léxico, Gilberto Araújo vem fazendo um estudo de **etnoecologia linguística**, aplicada ao vocabulário etnobotânico usado pela comunidade calunga do norte de Goiás. Trata-se de um tipo de estudo que já vinha sendo feito pelas etnociências, mas que foi apropriado pela linguística ecossistêmica. Sabemos que o léxico não está armazenado na mente dos falantes de maneira caótica. Pelo contrário, ele está relativamente bem organizado: no conteúdo, em campos semânticos; na forma, pela terminação/sufixação, pela prefixação, pelo radical etc., como nas relações paradigmáticas de Saussure. O modo de a comunidade em questão designar as plantas locais está intimamente associado com seus padrões culturais, motivo pelo qual o L da figura 6 já foi também substituído pelo C de cultura.

No nível fonológico, já foi feita uma investigação sobre o porque de determinadas configurações silábico-vocabulares não poderem ser proparoxítonas. Nenhum dos estudos sincrônicos até o momento haviam conseguido explicar o fato. Só a visão ecolinguística, que leva em conta traços recessivos (como os genes recessivos da genética), conseguiu sugerir pelo

menos um princípio de explicação (Couto, 2008b). Os modelos fonológicos pós-gerativos têm tendido a valorizar inter-relações, redes e sistemas complexos (Lima Jr., 2012).

Finalmente, podemos mencionar a fonética. Por ela ficamos sabendo que a fonação humana é única na natureza. Seria uma das especificidades da linguagem humana (a despeito da linguagem gestual, e do Braille). O espectro dos sons é uma dispersão em rede, em que é difícil dizer-se onde termina um “som” e onde começa outro. As pesquisas de Pike e a de John Ohala já iam nessa direção.

### 9 Exoecologia linguística

A **exoecologia linguística** corresponde à exterioridade dos analistas do discurso e à linguística externa tradicional, apesar de isso implicar uma reificação da língua. Ela trata de tudo que tem a ver com as relações da língua com o mundo extralinguístico. É o domínio do ecossistema social por excelência. Em Couto (2007) já foram estudados os seguintes tópicos: 1) ecologia das línguas, 2) ecologia da evolução linguística, 3) ecologias linguísticas complexas (bi-/multilinguismo, bi-/multidialealismo, dialeto *versus* língua estatal ou padrão, gírias, linguagens especiais e de grupos), 4) ecolinguística crítica, 5) linguagem preconceituosa, 6) linguodiversidade e biodiversidade, 7) política e planejamento linguístico, 8) direitos linguísticos, 9) insegurança linguística, 10) desenvolvimentismo, 11) ecologia da aquisição e aprendizagem de língua, além dos estudos sobre léxico, cuja semântica sempre remete para o mundo extralinguístico.

Praticamente tudo que se tem feito no âmbito da sociolinguística entra aqui. Como isso já é bem conhecido, vou mencionar apenas algumas discussões mais recentes, que podem mudar nossa maneira de ver os fenômenos da linguagem. Começamos pela própria designação ‘língua culta’, usada no chamado projeto NURC. Trata-se de um termo preconceituoso, pois implica que tudo mais não seria “culto”, as variedades populares e rurais do português seriam “incultas”. Sequer ‘língua padrão’ é aceitável ecolinguisticamente. Tudo que é padrão pressupõe o que não o é. Padrão seria a ‘norma’, todo o resto seria algum tipo de desvio dele, “não padrão”. Por isso, a linguística ecossistêmica prefere o que em alemão se chama *Staatssprache*, ou seja, língua do estado, com o que podemos ficar com as expressões **língua estatal**, **dialeto estatal**, **variedade estatal**. A palavra ‘estatal’ já diz a que veio: trata-se da variedade da língua ligada ao estado e ponto final.

Os conceitos de ‘língua culta’ e ‘língua padrão’ são os que usam os gramáticos normativistas, prescritivistas, que não aceitam a ideia de que a língua é algo dinâmico, como já dizia Humboldt no século XIX. Como caçadores de erros, erigem-se em juízes do certo e do errado, tachando toda inovação como “erro”. Se a língua seguisse seus dogmas, morreria, deixaria de servir à

sociedade, que está sempre evoluindo, pois não serviria para falar das novas realidades que surgem a todo instante.

Essa mentalidade pode ser chamada como **monocentrismo**, de acordo com o qual “bom” português é o de Portugal, mais especificamente, de Lisboa. As demais variedades seriam variedades menores, frequentemente “erradas”, dele. Contrapondo-se a isso, a linguística ecossistêmica assimilou a proposta do **pluricentrismo** Clyne (1992). No âmbito do espanhol, por exemplo, não se deve aceitar o centralismo de Castela, da Espanha, segundo o qual só o espanhol continental é correto, e que é de lá que vem a “norma”, uma vez que lá seria o “centro”. É nesse centro que estaria o “verdadeiro” espanhol, enquanto que as demais variedades seriam “desvios” dele. Isso a despeito do fato de na Espanha haver apenas 40 milhões de falantes, contra os mais de 330 milhões das Américas. De uma perspectiva ecossistêmica, deve-se pensar no espanhol como uma língua **pluricêntrica**, com o que Madri seria um centro, Buenos Aires outro centro, Cidade do México outro centro, Santiago outro centro e assim por diante, cada um deles com as respectivas normas (Stork, 2007; Amorós, 2012). O mesmo vale para o português, para o inglês, para o francês etc. Todas devem ser consideradas **línguas pluricêntricas**, cada uma delas constituindo uma rede, não necessariamente uma estrutura estática, com um centro privilegiado e periferias estigmatizadas.

Ecolinguisticamente, em vez de estrutura, fala-se agora em redes e processos. A rede não tem um ponto central, do qual os outros são dependentes. Com a nova visão, Lisboa (ou Portugal) como um todo deixa de ser o “centro” do português, e as demais regiões (Rio de Janeiro, Luanda, Maputo etc.) a periferia. Cada uma delas pode ser encarada, momentaneamente, como centro pelo investigador para suas finalidades específicas (Batoréo; Casadinho, 2009). No entanto, como tem sido notado ultimamente, pluricentrismo também implica ‘centro’, de modo que talvez o mais consentâneo com a visão de redes e processos seja o **acentrismo**, ausência de centros. Com isso, o investigador pode considerar qualquer ponto da rede como o ‘centro’ *hic et nunc*. Morin (2007: 27) disse que “o ecossistema se autoproduz, autorregula e auto-organiza de modo tão mais notável que não dispõe de um centro de controle, de nenhuma cabeça reguladora, de nenhum programa genético. Seu processo de autorregulação integra a morte na vida e a vida na morte”. Na linguagem, essa visão vale não só para o domínio total da comunidade de língua, mas para o interior de cada país também, isto é, para o dialetalismo. Qualquer lugarejo, por menor que seja, pode ser considerado pelo observador, momentaneamente, o ‘centro’ da comunidade linguística portuguesa.

Eu mesmo sempre tive dificuldade de usar palavras do português rural para formar pares mínimos em minhas aulas de fonologia estrutural. Para exemplificar a oxitonidade, eu não ousava usar palavras como *cantá*, *viajá*, *agradecê*, *progredi* etc. Usar *muié* (mulher), *cuié* (colher) como palavras em que a semivogal [y] ocorre seria considerado um crime de lesa

língua. Do ponto de vista da linguística ecossistêmica, isso seria a coisa mais natural do mundo. Do contrário, poder-se-ia perguntar: se essas palavras não são do português, a que língua pertencem? Trata-se de palavras do âmbito do português. Qualquer lugarejo do interior pode ser considerado como ‘centro’ do português pelo pesquisador porque é ele que lhe interessa no momento em que o delimita como o ecossistema linguístico que vai investigar. Aqui valeria a pena lembrar que quando perguntaram ao filósofo chinês Mo Tzu (468-376 a.C.) onde ficava o centro do mundo ele pôs o dedo em um ponto a sua frente e disse: “É aqui”.

### 10 A Ecolinguística como nova maneira de olhar para a língua

É provável que tudo que a ecolinguística faz já viesse sendo feito pelas diversas teorias linguísticas existentes (sociolinguística, psicolinguística, funcionalismo, análise do discurso etc.). Assim sendo, alguém poderia perguntar para que ela existe. Não seria ela desnecessária? Veremos que da janela pela qual cada uma delas olha seu objeto realmente não dá para perceber o que a ecolinguística traz de novo, como sempre enfatizou o ecolinguista e filósofo da linguagem Peter Finke. É preciso mudar de perspectiva, ir para um lugar de onde é possível ter uma visão abrangente. Para começo de conversa, vimos que a linguística ecossistêmica é parte da macroecologia, o que significa que não usa conceitos da ecologia biológica como metáforas. Só isso já significa uma mudança de postura de estruturas para redes, uma vez que ela se coloca como parte da ecologia.

O texto número XVIII de meu *blog* se intitula “A língua não é uma coisa, é motraive”. O objetivo do ensaio era duplo. O primeiro era chamar a atenção para o fato de que a maioria dos modelos linguísticos existentes no mercado reificam a língua, uma vez que, para eles, ela é um instrumento de comunicação ou de expressão do pensamento. Ora, instrumento é uma coisa, como uma faca, que uso para descascar uma laranja. Na verdade, a língua não é instrumento de comunicação nem de expressão do pensamento, ela é comunicação e expressão do pensamento.

O segundo objetivo era mostrar como é difícil falar da nova visão da linguagem. A expressão ‘motraive’ despertou perplexidade em meus alunos e nos seguidores do *blog*. Na verdade, ela visa a mostrar que a nova visão dos fenômenos da linguagem introduzida pela ecolinguística e, com mais razão ainda, pela linguística ecossistêmica não é facilmente explicável ao leigo, em linguagem comum, do mesmo modo que os físicos notaram que era impossível expressar em linguagem cotidiana a realidade desvelada pela teoria da relatividade e a mecânica quântica. Com isso, recorreram à linguagem da matemática, segundo Galileu a linguagem da natureza. Veja-se a famosa fórmula  $E = mc^2$ . Em psicologia Kurt Lewin propôs a equação  $L = f(P, M)$ : linguagem (L) é função das pessoas (P) em seu meio (M). Em outro contexto, eu lancei mão do recurso da sigla, da acronímia, e propus a equação  $L = MOTRAIVE$ . No caso, a expressão ‘motraive’ é formada pelas sílabas ou sons iniciais de “modo tradicional de interagir

verbalmente”, que é a concepção de língua subjacente a todo o presente ensaio e a toda a linguística ecossistêmica.

Para entender a nova visão da linguagem, é preciso sairmos da janela de cada um dos excelentes modelos teóricos existentes e nos postarmos na cumeeira da casa. Da janela vemos um diminuto domínio da língua, mas, da cumeeira temos uma visão de conjunto, holística. Alguém poderia dizer que da perspectiva abrangente seria impossível fazerem-se estudos detalhados de certos domínios específicos da língua, como tópicos sintáticos, fonológicos ou morfológicos. É verdade. Nesse caso, o linguista ecossistêmico pode recorrer à ajuda de um especialista, que poderá lhe fornecer a análise fina do dado em questão. De posse dele, poderá voltar para a cumeeira e inseri-lo no contexto maior e avaliá-lo ecológico-linguisticamente. É como se fizesse um *zoom*, como disseram Garner (2004: 202-215) e Couto (2013: 119-123).

Quando eu comentei isso com José Luiz Fiorin, ele disse que a ecolinguística estava parecendo um tanto eclética. Ela até pode sê-lo, dependendo do que se entende por ecletismo. Ele é diferente de sincretismo, que consiste simplesmente em juntar diversas posturas teóricas em uma salada que se consideraria uma outra teoria. Ele acrescentou que a ecolinguística seria transdisciplinar. Nosso grupo não a considera interdisciplinar, uma vez que ela não está simplesmente entre duas disciplinas, unindo-as. Tampouco é transdisciplinar, pois ela não apenas transita pelas demais teorias linguísticas. Ela é decididamente multidisciplinar, no sentido de que paira por sobre todos os modelos teóricos, podendo fazer uso pontual dos resultados de qualquer um deles, resultados que serão avaliados da perspectiva ecológica. Se isso é ser eclético, pode-se dizer que ela é eclética.

### 11 Observações finais

Gostaria de lembrar algumas áreas de investigação que têm sido mencionadas nas diversas publicações já existentes, a começar da **linguística ecossistêmica**, praticada pelo grupo da Escola Ecolinguística de Brasília que, na verdade, inclui Goiânia. Em Odense, Dinamarca, pratica-se a **ecolinguística dialética**. No entanto, uma das mais frequentes na literatura é a **ecolinguística crítica**, que apresenta grandes afinidades com a **análise do discurso ecocrítica** e com a **linguística ambiental**. Aparentemente, as três se dedicam ao mesmo objeto. Desde o nascimento da ecolinguística em Haugen (1972), uma área privilegiada de pesquisa tem sido a **ecologia das línguas** (contato de línguas, bi-/multilinguismo etc.). Mufwene (2001) estuda há muito tempo a **ecologia da evolução linguística**. Por sugestão do que se faz em torno da ONG Terralingua, o grupo Brasília-Goiânia incluiu a **etnoecologia linguística** (estudada por Gilberto Araújo) na agenda da ecolinguística. No contexto da linguística aplicada, temos a **ecologia da aquisição de língua**. Algumas publicações mencionam também a **crítica ecológica da linguagem**. No bojo da linguística ecossistêmica, está emergindo também uma variedade de

análise do discurso, ou seja, a **linguística ecossistêmica crítica** (LEC), mais comumente chamada de **análise do discurso ecológica** (ADE). Tudo isso são possíveis estradas a ser trilhadas da perspectiva ecológica. Por fim, temos duas áreas vizinhas da ecolinguística que merecem ser mencionadas aqui, que são a **ecossemiótica** e a **ecocrítica**. Bibliografia sobre essas áreas pode ser encontrada nas diversas publicações constantes das referências. Os dois últimos capítulos de Couto (2007) tratam brevemente das duas.

Retomando a questão da evolução, gostaria de lembrar que aí entra o que outras teorias chamam de história e/ou historicidade. Por ser ecologia linguística, a linguística ecossistêmica tem na **sucessão ecológica** um de seus conceitos mais importantes. É aí que se enquadra a mudança e/ou a evolução linguística. Uma situação bem interessante para se estudar assim seria a formação e transformação de uma língua crioula, já que a formação das demais línguas começou em épocas das quais não temos mais registros. Em Cabo Verde (futuro T), por exemplo, primeiro chegaram os colonizadores portugueses, trazendo muitos escravos da costa africana (futuro P). Como não havia uma língua comum entre eles, foi se desenvolvendo um modo de comunicação que mais tarde passou a ser chamado de crioulo (L). Couto (1999) é uma discussão detalhada sobre situações como essa.

Por fim, este ensaio não apresenta uma teoria ecolinguística acabada, que sirva como receita para se fazer algo, como investigar fenômenos da linguagem. Ele apresenta um **programa de pesquisa**, não achados definitivos e inapeláveis. A ecolinguística, e mais ainda a linguística ecossistêmica, é uma teoria *in statu faciendi*. Por isso mesmo, representa um desafio ao investigador que deseje desbravar modos ainda diferentes de se abordarem os fenômenos da linguagem. Como Fritjof Capra tem enfatizado, esses modos incluem (1) mudança da parte para o todo (que os estruturalismos já faziam), (2) mudança de ciência objetiva para “ciência epistêmica”, (3) mudança de construção/estrutura para redes e processos, (4) mudança de descrições verdadeiras para descrições aproximadas (Capra, 1998: 11-13). Enfim, trata-se de uma nova postura frente ao mundo e não apenas frente aos fenômenos da linguagem.

### Referências

AMORÓS, C. *El pluricentrismo de la lengua española: ¿un nuevo ideologema en el discurso institucional? El desafío de la glosodidáctica*. *Revista internacional de lingüística iberoamericana* v. I, n. 19, 2012, p. 127-147.

ARAÚJO, G. P. 2014. *O conhecimento etnobotânico dos kalunga: Uma relação entre língua e meio ambiente*. UnB, tese de doutorado.

BANG, J. C.; DØØR, J. *Language, ecology and society: A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.



## ECO-REBEL

- BASTARDAS I BOADA, A. *Ecologia de les llengües: Medi, contacte i dinàmica sociolinguística*. Barcelona: Proa, 2000.
- BATESON, G. *Mind and nature: A necessary unity*. New York: E. P. Dutton, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Steps to an ecology of mind*. North Vale, N.J.: Jason Aronson, 1987.
- BATORÉO, H. J. & CASADINHO, M. *O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste*. Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos, 13–1, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2009, 63-79.
- BOFF, L. *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2012.
- CALVET, L.-J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- CAPRA, F. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix/Amana, 1998.
- CATTON JR, W. R.; DUNLAO, R. E. *A New Ecological Paradigm for Post-Exuberant Sociology*. American Behavioral Scientist, v. 24, n. 1, 1980, p.15-47.
- CLYNE, M. (org.). 1992. *Pluricentric languages: Differing norms in different nations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- COMELLAS, C. P. *Ecología lingüística*. Treballs de sociolingüística catalana vol. 11, 2011, p. 65-72. Também em: <http://revistes.iec.cat/index.php/TSC>
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP, 1979.
- COUTO, E. K. N. N. do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.
- COUTO, H. H. do. *Contato interlingüístico: Da interação à gramática*. Disponível em: [https://docs.google.com/file/d/0B6hIHMM\\_ItiGRzJibTRORWdSUHc/edit1](https://docs.google.com/file/d/0B6hIHMM_ItiGRzJibTRORWdSUHc/edit1), 1999.
- \_\_\_\_\_. *Lingüística e semiótica relacional*. Brasília: Thesaurus Editora, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*: Brasília: Thesaurus, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Chuí/Chuy: uma comunidade de fala, duas comunidades de língua*. In: ESPIGA, J.; ELIZAINCÍN, A.(orgs.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas: EDUCAT, 2008a, p. 165-208.
- \_\_\_\_\_. *Algumas restrições aos proparoxítonos em português*. In: RONCARATI, C.; ABRASSADO, J. (orgs.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói, EDUFF/FAPERJ, 2008b, p. 118-136.
- DAMÁSIO, A. R. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DENISON, Norman. *A linguistic ecology for Europe*. In: FILL ; MÜHLHÄUSLER (orgs.), 2001, p. 75-83.
- DÖRING, M.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (orgs.). *Language, signs and nature: Ecolinguistic dimensions of environmental discourse*. Tübingen: Stauffenburg, 2008.

## ECO-REBEL

- DRENGSON, A. *Communication ecolgy of Arne Naess (1912-2009)*. *The trumpeter* v. 26, n. 2, 2010, p. 1-40.
- FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Ecolinguistics: State of the art 1998*. In: Fill; Mühlhäusler (orgs.), 2001, p. 43-53.
- \_\_\_\_\_; MÜHLHÄUSLER, P. (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum.
- FILL, A.; PENZ, H. (orgs.). *Sustaining language: Essays in Applied Ecolinguistics*. Viena/Berlim: Lit, 2007.
- FINKE, P. *Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen*. In: FILL (org.), 1996, p. 27-48.
- \_\_\_\_\_. *Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics*. In: FILL; MÜHLHÄUSLER (orgs.), p. 84-90.
- GARMER, M. *Language: An ecological view*. Oxford/Berlim: Peter Lang, 2004.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 2011, 21ª ed.
- GÜNTHER, H. ; ROZESTRATEN, R. J. A. *Psicologia ambiental : considerações sobre sua área de pesquisa*. Série *Textos de Psicologia Ambiental* n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.
- HALLIDAY, M.A.K. *New ways of meaning : The challenge of applied linguistics*. In: FILL; MÜHLHÄUSLER (orgs.), 2001 [1990], p. 175-202.
- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339. Também em Fill; Mühlhäusler (2001: 57-66).
- KORZIBSKI, A. *The role of language in the perceptual process*. In: *Perception: Approaches personality*. Nova York: Ronald Press Company, 1951.
- LAMB, S. M. *Neuro-cognitive structure in the interplay of language and thought*. In: PÜTZ, M. & MARJOLIJN H. V. (orgs.) *Explorations in linguistic relativity*. Amsterdam: Benjamins, 2000, p. 173-196.
- LIMA JR., R. *A influência da idade na aquisição da fonologia do inglês como língua estrangeira por brasileiros*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2012.
- MAFFI, L. (org.). *On biocultural diversity: linking language, knowledge and the environment*. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001.
- MAKKAI, A. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. *Atividades de compreensão na interação verbal*. In: PRETI, D. (org.). *Estudos de língua falada: Variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 15-45.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2011, 9ª ed.
- MORIN, E. *L'An I de l'ère écologique et dialogue avec Nicolas Hulot*. Paris: Tallandier, 2007.

## ECO-REBEL

Mufwene, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NAESS, A. *The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary*. *Inquiry* 16, 1973, p. 16-100.

\_\_\_\_\_. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NEVES, W. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

ODUM, E. P. *Fundamentals of ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971, 3<sup>a</sup> ed.

STORK, Y. *Die lexikographische Situation des lateinamerikanischen Spanish: Eine Betrachtung aus sprachökologischer Perspektive*. In: FILL, A.; PENZ, H. (orgs.). *Sustaining language: Essays in Applied Ecolinguistics*. Viena: Lit Verlag, 2007, p. 65-81.

STROHNER, H. *Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft*. In: FILL (org.), 1996, p. 49-58.

TRAMPE, W. *Ökologische Linguistik*. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie. Opladen: Westdeutscher Verlag.

\_\_\_\_\_. *Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme*. In: FILL (org.), 1996, p. 59-75.

[Este texto está também no livro *O paradigma ecológico nas ciências da linguagem: Coletânea de ensaios clássicos e contemporâneos*, Goiânia: Editora da UFG, 2015, organizado por Hildo H. do Couto, Elza K.N.N. do Couto, Gilberto P. de Araújo & Davi B. de Albuquerque).

**Recebido em 20/08/2014.**

**Aceito em 10/01/2015.**